

PARA RESOLVER LOS HUMORES GRUessos Y MELANCÓLICOS: CONHECIMENTO MATERIAL E CULTURA VISUAL AO REDOR DA PAEONIA OFFICINALIS NO GABINETE SALVADOR

JULIA COELHO GUIMARÃES DE OLIVEIRA

CURADORA E ENSAÍSTA. GRADUADA EM ARTES VISUAIS PELA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

ORCID: 0000-0003-1344-1705

*Resumo: O presente trabalho estrutura-se em torno das práticas profissionais desenvolvidas no Institut Botànic de Barcelona que consistiram na organização e catalogação do arquivo de fotografias (1985-2017) relacionadas à Coleção Salvador. A partir de uma reflexão sobre a importância da catalogação e difusão dessas imagens fotográficas na preservação do Gabinete Salvador enquanto patrimônio científico, propõe-se um estudo sobre uma imagem pictórica que estampa uma das portas do armário do herbário. A pintura no armário representa a espécie *Paeonia officinalis*, que também integra o herbário e a farmácia do Gabinete. O trabalho demonstra a importância de uma investigação que leve em consideração o cruzamento entre esses três âmbitos para o entendimento de seu significado dentro do Gabinete Salvador, dedicando uma especial atenção aos seus usos no tratamento da melancolia, a "doença invisível". Desse modo, pretende-se associar o trabalho analítico em torno das práticas relacionadas a um patrimônio científico ao trabalho investigativo em torno de sua história, a fim de ampliar sua difusão.*

Palavras-chave: melancolia, propriedades ocultas, saberes populares, racionalidade, catalogação, cuidado, veneno.

* Correspondência: julia.coelho.guimaraes@gmail.com

Resum: *Aquest treball s'estructura al voltant de les pràctiques professionals desenvolupades a l'Institut Botànic de Barcelona, que van consistir en l'organització i catalogació de l'arxiu de fotografies (1985-2017) relacionades a la Col·lecció Salvador. A partir d'una reflexió sobre la importància de la catalogació i difusió d'eixes imatges fotogràfiques en la preservació del Gabinet Salvador com a patrimoni científic, es proposa un estudi sobre una imatge pictòrica que estampa una de les portes de l'armari de l'herbari. La pintura representa l'espècie *Paeonia officinalis*, que també integra l'herbari i la farmàcia del Gabinet. El treball demostra la importància d'una recerca que tingui en consideració l'encreuament entre eixos tres àmbits per a la comprensió del seu significat dins del Gabinet Salvador, dedicant una atenció especial als seus usos en el tractament de la malenconia, la "malaltia invisible". D'eixa manera es pretén associar el treball analític al voltant de les pràctiques associades a un patrimoni científic, al treball de recerca al voltant de la seua història, per tal d'ampliar-ne la difusió.*

Paraules clau: *malenconia, propietats ocultes, sabers populars, racionalitat, catalogació, cura, verí.*

Abstract: *This paper is structured around a professional internship developed at the Institut Botànic de Barcelona that consisted in the organization and cataloging of the photographic archive (1985-2017) related to the Salvador Collection. Based on a reflection on the importance of cataloging and disseminating these photographic images in the preservation of the Salvador Cabinet as scientific heritage, we propose a study on a pictorial image that stamps one of the doors of the herbarium cabinet. The painting on the furniture of the Cabinet represents the species *Paeonia officinalis*, which is also part of the Cabinet's herbarium and pharmacy. This work demonstrates the importance of an investigation that takes into account the intersection between these three areas, to understand its meaning within the Salvador Cabinet, giving special attention to its uses in the treatment of melancholia, the "invisible disease". Thus, it is intended to associate analytical work around practices related to scientific heritage to investigative work on its history, in order to expand its diffusion.*

Keywords: *melancholy, occult properties, popular knowledge, rationality, cataloging, care, poison.*

Introdução

Este artigo toma como ponto de partida um dos itens da Coleção Salvador, presente tanto no interior de um armário quanto em seu exterior. A espécie *Paeonia officinalis* pode ser encontrada no herbário (Salv-1531), na farmácia – em forma de sementes (Salv-8309) e raízes (Salv-8431) – e na pintura de uma das portas do armário do herbário. A fim de entender que significados e simbologias associadas essa espécie poderia ter no contexto geral

do Gabinete Salvador, é feita uma investigação sobre seus usos no tratamento da melancolia entre os séculos XVI e XVII a partir da literatura disponível na biblioteca dos Salvador: a farmacopeia de Dioscórides (saber clássico), os comentários e contribuições de Laguna (saber renascentista europeu) e a medicina astrológica de Marsilio Ficino (pensamento mágico renascentista europeu). Embora sejam todos eles representantes da filosofia natural da época, evidenciam em seus tratados o quão atrelado estava o conhecimento oficial aos saberes populares.

Esta pesquisa surge de umas práticas profissionais externas do Màster Interuniversitari en Història de la Ciència: Ciència, Història i Societat, oferecido pela Universitat Autònoma de Barcelona em conjunto com a Universitat de Barcelona, desenvolvidas por mim na coleção do Gabinete Salvador abrigado no Institut Botànic de Barcelona (IBB) no ano de 2020. O trabalho de práticas consistiu na organização de arquivos de imagens relacionadas à Coleção Salvador que integram o acervo digital do Institut, com o objetivo de facilitar o acesso ao material a futuros pesquisadores. Das 2.330 imagens, cerca de 700 correspondiam a imagens do mobiliário do Gabinete, nas quais são registrados processos de restauração, de montagem, desmontagem, bem como sua disposição nos espaços expositivos da antiga sede do Institut Botànic e do edifício que atualmente ocupa, no Passeig del Migdia. Embora tenham como função o armazenamento dos itens da coleção, o significado dos armários do Gabinete Salvador não se dá apenas por aquilo que há em seu interior, mas também em seu exterior: pinturas que aludem ao seu conteúdo através da reprodução de imagens encontradas nos livros da biblioteca da coleção. Entre a ação de exibir e a ação de ocultar, o armário nos serve como um símbolo do paradoxo que fundamenta a preservação museológica: manter objetos ocultos a fim de preservar a sua durabilidade e possibilitar sua exibição a um número maior de pessoas em um maior espaço de tempo.

Ciente de que as transformações que a medicina e a farmácia sofreram durante o período estudado foram fortemente influenciadas pelas viagens europeias de exploração e colonização, a partir da análise desta imagem, proponho uma reflexão sobre a terapêutica da melancolia no contexto do México Colonial. As propriedades ocultas e curativas da Peônia, a cor negra associada à doença invisível da melancolia e o “exótico” como marca de distinção social, econômica e racial, são temas que nos ajudam a pensar sobre os significados que eram atribuídos naquele momento aos conceitos de racionalidade e irracionalidade. O artigo também apresenta a construção de uma ideia de “padrão” através do exercício da coleção, classificação e exibição dos objetos naturais e artificiais e nos permite associar essas atividades ao processo de padronização que guiou o trabalho de catalogação desenvolvido em minhas práticas no Institut Botànic de Barcelona.

O Gabinete Salvador

Entre os séculos XVI e XVIII, o espaço do gabinete de curiosidades, mobilizou, no continente europeu, médicos, boticários, professores universitários, ricos aristocratas, príncipes

e monarcas em torno da atividade de acumular objetos naturais e artificiais, organizá-los em uma coleção e apresentá-los ante os seletos visitantes. Esse colecionismo enciclopédico, fruto de um espírito que até hoje nos afeta, além de ser um veículo de afirmação de poder econômico e político entre homens, fazia parte desse projeto mais ou menos bem sucedido de conhecimento e controle da natureza. É nesse contexto que se materializa, em Barcelona, a Coleção Salvador, iniciada no século XVII por Joan Salvador i Boscà (1598-1681), e ampliada durante gerações por sua família de boticários: seu filho Jaume Salvador i Pedrol (1649-1740) e seus netos Joan Salvador i Riera (1683-1726) e Josep Salvador (1804-1855). Instalada nos fundos da botica do Carrer Ample, é aberta ao público somente em meados do século XIX, sendo antes restrita a convidados. Hoje, essa coleção, também composta por livros e cartas, integra o Institut Botànic de Barcelona – situado no Jardí Botànic – tendo sido de fundamental importância para a formação da sua coleção geral e para o desenvolvimento de diversas pesquisas.

O mobiliário do Gabinete Salvador, encomendado por Josep Salvador i Riera (1690-1761) em meados do século XVIII, é composto por seis conjuntos de cinco estantes e um armário com as gavetas correspondentes em sua parte inferior. O conjunto em madeira é coberto por uma capa de preparação de gesso e policromia à óleo com cenas copiadas ou inspiradas em gravuras de livros que integram a biblioteca familiar (Pascual & Yeguas, 2019: 245). Segundo Bolòs, a iconografia estaria relacionada com a própria coleção e os pintores teriam trabalhado a partir de imagens selecionadas pelo próprio Josep Salvador i Riera (Bolòs, 1959: 41 *apud* Pascual & Yeguas, 2019: 248).



Figura 1. Móvel GS-H (herbário) do Gabinete Salvador (2013)

Fotografia: Jordi Vidal

***Paeonia officinalis* e *Veratrum album*: a medicina oficial e a medicina marginal no tratamento da melancolia**

O estudo sobre a história da saúde nos permite entender que as doenças e os tratamentos que integram uma cultura se transformam ao longo do tempo. Não somente as formas de tratar se modificam, mas também o próprio diagnóstico, definição e nomenclatura da doença. Nesse sentido, as discussões levantadas por Donna Haraway sobre a construção social do gênero ou Charles Rosenberg sobre a concepção plural da doença, nos permitem refletir sobre a falsa dicotomia natureza X cultura que estrutura o pensamento moderno ocidental, bem como situar as doenças como fatos culturais (Haraway, 2007; Rosenberg, 1992). A melancolia é um desses exemplos, já que além de ter sido classificada como uma doença em determinados períodos da história ocidental, foi também uma ideia cultural que organizou dinâmicas sociais e teve um importante papel na construção da subjetividade moderna. Como bem explicou Jean Starobinski, ao longo dos séculos, os medicamentos propostos para o tratamento da melancolia não se dirigiam nem à mesma doença e nem às mesmas causas. Uns pretendiam corrigir uma discrasia humoral, outros visavam modificar um estado particular de tensão ou de relaxamento nervoso e outros ainda eram aplicados para desviar o doente de uma ideia fixa (Starobinski, 2016: 17).

Neste capítulo apresentarei a terapêutica da melancolia a partir dos usos da *Paeonia officinalis* e da *Veratrum album*, duas espécies vegetais que integram a Coleção Salvador, sob a ótica de pensadores que foram contemporâneos ou que fizeram parte do rol de referências para essa linhagem de boticários. Proponho também uma reflexão sobre os significados que foram atribuídos aos conceitos de racionalidade e irracionalidade, tanto na terapia, quanto no diagnóstico e nos sintomas da melancolia. Os Salvador exploravam seu saber naturalista a partir de duas práticas distintas: como boticários e como colecionadores. Incorporo neste trabalho a dinâmica desse trânsito entre os ambientes da farmácia e do gabinete, já que raízes da *Veratrum album* podiam ser encontradas na farmácia, e a *Peônia officinalis*, além de também presente na farmácia em forma de sementes e raízes, é retratada em uma das pinturas decorativas do armário do herbário. O estudo sobre a aplicação de ambas espécies no tratamento da melancolia entre os séculos XVI e XVII nos trará uma compreensão dos significados a elas associados, dando conta de ampliar a reflexão sobre o uso da *Peônia officinalis* como uma das imagens representadas no armário do herbário.

Traduzindo saberes, clareando a visão

Além de guardar a coleção de *naturalia* e de *artificialia* em seu interior, o mobiliário do gabinete também abrigava uma farta biblioteca, composta, em maior quantidade, por volumes sobre matéria médica, farmacopeias e história natural, e em quantidade mais reduzida, por exemplares sobre história, línguas, matemáticas e geografia. Ali podemos encontrar títulos fundamentais de botânicos pré-lineanos, dentre os quais os clássicos latinos como Teofrasto, Plínio o Velho e Dioscórides, mas também de autores do século XVI, o que indi-

cava o acompanhamento das transformações dos saberes de seu tempo. Os volumes da biblioteca eram fonte de conhecimento aplicado não somente à prática naturalista dos Salvador, mas também, fonte de referência visual para a decoração pictórica dos móveis (Ibáñez, 2019: 205-206).

As viagens europeias de exploração e colonização que ocorreram no início do século XVI foram acompanhadas pela emergência da medicina humanista, uma tendência que buscava restaurar a pureza das fontes da medicina filosófica através da tradução dos textos clássicos originais. O contato direto com a fonte, permitiria, segundo esses médicos, um conhecimento mais fiel à sabedoria antiga, imune às distorções e perdas que pudesse ter sofrido ao longo dos anos (Cook, 2006: 411). O entusiasmo pela medicina da Grécia antiga, sua farmacologia, botânica e anatomia comparada estava intimamente associado aos esforços por ampliar o conhecimento da época sobre o mundo natural, que naquele momento de expansão territorial tornava-se ainda mais complexo. Embora um conhecimento mais amplo dos antigos também facilitasse uma crítica mais fundamentada, sua autoridade foi fortemente sustentada até o fim do século XVI (Siraisi, 1990: 191).

É nesse contexto que surgem novas edições de textos de Galeno, Hipócrates e Dioscórides, sendo a tradução comentada do médico real espanhol Andrés Laguna – presente na biblioteca dos Salvador – uma delas (Cook, 2006: 411). Em *De materia medica*, Dioscórides (ca.40-80) aborda o mundo natural a partir de sua eficácia medicinal, tornando o conhecimento amplo da natureza uma condição prévia para a melhoria da saúde. No século seguinte, o médico romano Galeno daria continuidade a essa ideia através de sua extensa pesquisa sobre farmacologia (Findlen, 2006: 438) e de seu trabalho de sistematização de escritos médicos antigos, aos quais ele adicionaria suas próprias descobertas por meio da experimentação e dissecação de animais (Radden, 2000: 61).

Durante a maior parte dos séculos XVI e XVII, a abordagem acadêmica latino-europeia da medicina era derivada dos escritos de Galeno; seguindo sua abordagem teórica, os médicos geralmente tratavam os casos clínicos como um meio para determinar a natureza genérica da doença, normalmente em termos de desequilíbrio dos quatro humores (Dear, 2006: 114). Desse modo, o trabalho do médico consistia em preservar a saúde de uma pessoa e prolongar sua vida através do equilíbrio dos seus humores e da harmonia entre seu temperamento e o mundo (Cook, 2006: 409) por meio de tratamentos que baseavam-se em um regime de alimentação, de atividades e de exercícios e em um arsenal terapêutico formado à base dos chamados simples medicinais, ou seja, elementos dos três reinos da natureza, sobretudo o vegetal. Por essa razão, acessar a medicina dos antigos implicava não somente em um estudo dedicado à filologia, mas também em um estudo dedicado à botânica, um contato direto com espécies das quais eram extraídas substâncias medicinais. A rede inter e transoceânica de comércio, a exploração do continente americano e a circulação de espécies “exóticas” como potencial lucrativo e terapêutico foram fatores que certamente influenciaram esse processo. Tal interesse pelo poder curativo das plantas, minerais e animais

estimulou a criação de jardins botânicos nas universidades de medicina em meados do século XVI, bem como em propriedades privadas de médicos, apotecários e acadêmicos aristocratas (Cook, 1996: 93 - 96).

A farmácia dos Salvador, localizada no Carrer Ample da cidade de Barcelona, exerceu sua atividade comercial entre os anos de 1616 e 1761. Além do gabinete de curiosidades que ocupava a parte traseira do imóvel, a família também possuía um jardim em sua propriedade domiciliar. A relação entre os médicos e os farmacêuticos no contexto da Europa Ocidental, tal como explicou Nancy Siraisi, oscilava entre a tensão e a colaboração e se estremerá, não por acaso, durante o período de expansão do comércio de substâncias medicinais provenientes do Oriente Médio e das Américas (Siraisi, 1990: 146-147).

A melancolia no sistema hipocrático-galênico

A teoria humoral, utilizada por Galeno para diagnosticar e tratar doenças – já presente no trabalho de autoridades anteriores como Hipócrates, Aristóteles, Praxágoras e Rufus de Efeso –, consistia em associar qualidades a cada um dos quatro elementos. Dessa maneira, o fogo era associado ao calor, o ar ao frio, a água à umidade e a terra à secura. Os quatro humores – sangue, fleuma, bile negra (melancolia ou atrabílis) e bile amarela – também eram associados a esses elementos e qualidades, portanto a bile negra era fria e seca, a bile amarela era quente e seca, a fleuma era fria e úmida e o sangue era quente e úmida. Em *De naturalibus facultatibus*, Galeno assinala a influência de alimentos, períodos da vida, profissões, localidades e estações do ano no desequilíbrio e excesso daqueles elementos e qualidades no organismo de cada indivíduo e na conseqüente manifestação da doença. O desequilíbrio dessas qualidades, quando em menor grau, podiam não configurar uma doença, mas determinar apenas um temperamento ou uma tendência a um ou outro humor (Radden, 2000: 62-63).

Galeno defende que o humor atrabiliar podia ter sua fonte em diferentes partes do corpo: a corrente sanguínea, o cérebro e o estômago, o que levaria à classificação da melancolia em três tipos. O tratamento da doença dependeria, portanto, da maneira que ela se manifestasse no corpo. Se o sangue atrabiliário – de caráter escuro e espesso – fosse encontrado na corrente sanguínea, a sangria era a intervenção recomendada. Caso o cérebro fosse afetado, haveria de se observar se o humor havia sido gerado ali mesmo, pelo calor concentrado no local que queimaria a bile amarela ou se havia sido gerado em outra parte do corpo. Um outro tipo de melancolia seria aquele que, como a epilepsia, seria gerado na cavidade gástrica. Seria causado por alimentos difíceis de serem digeridos, o que geraria calor e gás e por vezes dor. Esse excesso de calor que se alastraria pelas veias cujo abastecimento de nutrientes teria origem no estômago, seria contrabalanceado por comidas frias ou pela purga. Tais veias estariam, segundo Galeno, obstruídas, e impossibilitariam a distribuição dos nutrientes pelo corpo, gerando também um calor excessivo no organismo. O sangue encontrado na parte inflamada do estômago seria mais espesso, portanto atrabiliário. A evaporação de

gases tóxicos provenientes do calor gerado ali seriam levados do estômago para os olhos ou para o cérebro, como uma fuligem ou um vapor, afetando a mente. A epilepsia também seria originada no estômago e afetaria a cabeça. Como Hipócrates e Aristóteles, Galeno enfatizava os estados subjetivos de medo e desânimo que afetavam os melancólicos como o mais característico, reafirmando a premissa já defendida por autores anteriores, de que os humores e a constituição do corpo interferiam na atividade da alma (Radden, 2000: 62-68). Praticamente toda a patologia mental pôde ser relacionada, até o século XVIII, com a hipotética atrabilis (Starobinski, 2016: 17).

Os três principais instrumentos terapêuticos que integravam o sistema galênico-hipocrático eram a dieta, a cirurgia e o medicamento, sendo este último uma forma de intervenção ativa pela qual os médicos combatiam uma doença. De maneira geral, o tratamento deveria levar em consideração as características físicas do paciente como indicação da qualidade do seu tipo somático, ou seja, seu humor predominante. Segundo Galeno, os alimentos escuros e fortes deveriam ser evitados, pois eles seriam carregados de tristeza e medo e escureceriam o espírito (Starobinski, 2016: 61). O poder nocivo da cor negra atravessava aspectos variados da doença: em sua fonte, tendo o baço como causador da bile negra por sua cor escura; em sua constituição, atestado pelo sangue escuro e espesso, bem como no simbolismo dos vapores nebulosos que preenchiam o corpo do doente, afetando suas funções (Starobinski, 2016: 24). A falta de exercícios físicos, de sono, o excesso de preocupação e uma dieta pobre também deveriam ser considerados. Essas informações permitiriam ao médico desenhar um diagnóstico e um tratamento que reequilibraria os humores no corpo através da prescrição ou exclusão de certos alimentos da dieta, determinadas atividades e sangrias (Radden, 2000: 65).

O remédio seria o recurso adotado quando o humor resistisse à expurgação pelos outros meios e a doença se tornasse crônica (Radden, 2000). O tratamento envolvia não somente as indicações do médico, mas também uma disciplina do paciente, de modo que este último possuía um papel ativo nesse processo. Quando, no entanto, sua razão estivesse afetada e já não fosse capaz de administrar seu tratamento de maneira autônoma, uma intervenção mais forte era efetuada através de abundantes evacuações, por exemplo (Starobinski, 2016 : 30).

Veratrum album, Veratrum nigrum

Veratrum Album e *Veratrum Nigrum* são duas espécies vegetais que na edição de *De Materia Medica* de Dioscórides comentada por Andrés Laguna aparecem sob o nome latino de *Elleborus* (Laguna, 1555: 465-468). A associação entre o heléboro e o tratamento da bile negra percorreu a maior parte da história da medicina da Europa ocidental. Já nos textos hipocráticos é possível encontrar a recomendação do uso do heléboro para a expurgação da cabeça, que no tratamento do doente que estivesse “dominado pelo temor”, “fugindo da luz e dos homens”, “atormentado pela ansiedade” e “atraído pelas trevas”, deveria ser combinado

a um medicamento que o fizesse expurgar, à ingestão de determinados alimentos e à restrição de exercícios físicos. Seu princípio ativo produz diarreias e vômitos, sendo seu extrato irritante para as mucosas, podendo provocar fezes negras ou hemorrágicas. Essa evidência visual dava aos antigos a ilusão de terem livrado o organismo de um acúmulo de atrabílis (Starobinski, 2016: 31-32).

Também é possível encontrar a recomendação de seu uso por Dioscórides na edição de *De Materia Medica* comentada por Laguna:

“El Veratro Negro tiene también melampodio por nombre, a causa que cierto cabrerizo llamado Melampus, primero que otro alguno, purgó y sanó con él las hijas de Proito, las cuales habian enloquecido. [...] El Veratro negro purga el estómago de la cólera y flema, y esto dado por sí, o con escamonea, y con tres óbolos o una drama de sal. Cuécese con las lentejas o con aquellos saldos que suelen tomarse para purgar el cuerpo. Es muy útil a la gota coral, a la melancolía, a la locura, o manía, o dolores de las juncturas, y también a la perlesía. Si se aplica por abajo, provoca el menstruo y mata la criatura en el vientre.” (Laguna, 1555: 466).

Laguna em seu comentário reafirma a eficácia da planta quando escreve que:

“Tiene, así el negro como el blanco muy notable virtud de purgar, por arriba y por abajo, los humores dañosos; empero el eléboro negro purga principalmente los melancólicos, por el cual respecto se da con un suceso admirable contra toda suerte de locura o manía, de do viene que al que motejar queremos de loco le solemos comúnmente decir que tiene necesidad de eléboro.” (Laguna, 1555: 468).

É tal a presença do Heléboro na cultura, que no século XVII será possível encontrar outra referência em uma fábula de La Fontaine, onde uma tartaruga aposta corrida com uma lebre cuja reação assim se manifesta: “minha comadre, precisas ser purgada / com quatro grãos de heléboro”. Ainda no século XIX o heléboro ocupará um lugar importante nas enciclopédias médicas, onde autores como Pinel e Pelletan explicam suas razões para o abandono do medicamento no tratamento da loucura (Starobinski, 2016: 32).

Na medicina antiga, a racionalidade defendida pelos autores hipocráticos consistia em construir relatos causais da saúde, da doença e da fisiologia em oposição às formas de explicação mágicas, teológicas e mitológicas. Isso não impediu, no entanto, que a medicina sofresse a influência dos saberes populares, pois as formas de cura seculares e religiosas da Grécia Antiga se desenvolveram lado a lado (Siraisi, 1990: 2). O testemunho de Plínio, de onde parte Dioscórides no texto que acabamos de citar, nos dá pistas dessa relação.

Não só a sua eficácia é explicada através de saberes populares, mas também sua colheita, que, segundo o texto de Plínio, citado por Starobinski (2016: 34), deveria obedecer a

um ritual onde aquele que a colhesse, deveria pedir o consentimento dos deuses virado para o Oriente e, caso uma águia se aproximasse durante a operação, era sinal de que morreria naquele ano. Também é possível encontrar referências a esses saberes na construção da simbologia da bile negra na Grécia de finais do século V, muito antes da doutrina galênica tomar forma; por exemplo, Sófocles usa o adjetivo *melancholos* para designar a toxicidade mortal do sangue da Hidra de Lerna em que Hércules banhou suas flechas (Starobinski, 2016: 25).

De acordo com essa narrativa, a melancolia podia ser entendida como um veneno, “um composto duplo, em que os poderes nefastos da cor negra e as propriedades corrosivas da bile se potencializam. O negro é sinistro, tem a ver com a noite e a morte; a bile é amarga, irritante, acre.” (Starobinski, 2016: 26). Para representar um estado invisível como a doença mental, a cultura ocidental se utilizou, segundo Sander Gilman, da tradicional associação entre a escuridão e a negatividade. As tradições culturais ocidentais atribuem às trevas uma grande coleção de associações negativas, ele nos lembra. A *negrura* significa o outro, o diferente, o anormal e o deficiente (Gilman, 1988, *apud* Radden, 2000: 57). A escuridão associada à melancolia era oriunda, segundo Galeno, do vapor resultante do sangue superaquecido e atrabiliário que turvava as atividades do cérebro e a cor da pele daqueles que sofriam de melancolia (Radden, 2000: 63).

É interessante observar como se entrecruzam novamente os símbolos culturais e os efeitos das substâncias contidas nos preparados medicinais. Acreditava-se que a cura da melancolia também poderia ser alcançada pela ingestão da triaga, um antídoto universal para envenenamentos, composto por carne de víbora e muitos outros ingredientes (Siraisi, 1990: 118-119). Se a melancolia era um veneno, nada mais apropriado do que um antídoto para curá-la. A ideia de um antídoto para todos os venenos também se manifestava naquele momento através do uso de pedras bezoares, um objeto bastante valioso que compunha todas as coleções e gabinetes de naturalistas da época, a exemplo do gabinete dos Salvador. A pedra bezoar é um composto mineral formado no estômago e nas vias urinárias de animais ruminantes que era utilizado por médicos árabes desde o século VIII e na Europa desde a Idade Média, e podia ser carregado em anéis, pulseiras ou colares como um amuleto mágico e precioso (Do Samerio, 2014).

Tanto a raiz do *Veratrum album*, quanto a do *Veratrum nigrum*, quando cozidas, embora fossem utilizadas no tratamento de uma doença através da expurgação, também poderiam causar uma forte intoxicação ao corpo humano. Desse equilíbrio se compõe o remédio: dependendo da dose, pode ser veneno.

Paeonia officinalis

O uso de remédios baseado na medicina racional tinha como finalidade equilibrar os humores através da cura pelos contrários. Suas ações dependeriam, portanto, de suas qualidades primárias. Algumas substâncias, no entanto, não agiriam somente a partir dessas virtu-

des. Avicenna em seu *Canon* explorou a ideia sugerida por Galeno de que alguns remédios, simples ou compostos, teriam efeitos particulares, não devido a suas qualidades primárias, mas devido a sua “forma específica”. O exemplo paradigmático da ação pela “forma específica”, considerada como uma propriedade oculta natural e não suscetível à explicação racional, foi a ação de um ímã (Siraisi, 1990: 145). Os poderes de cura da triaga também eram atribuídos a sua forma específica, assim como os da peônia, cujas sementes e raiz integram a farmácia dos Salvador. Quando não podia explicar fenômenos médicos a partir das qualidades manifestas (quente, frio, seco e úmido) dos quatro elementos (fogo, terra, ar e água), como o poder curativo de um amuleto, por exemplo, Galeno referia-se a eles como *idiotetes arretoi* ou ‘propriedades indescritíveis’, a *qualitates occultae* da medicina e filosofia latina medieval. O alívio de um acesso epiléptico causado por um amuleto de peônia não era explicado por suas propriedades manifestas, segundo Galeno, mas sim por sua substância (Copenhaver, 1998: 459).



Figura 3. Salv-8309
Sementes de Peônia / Incorporada em 1938
Coleção Salvador



Figura 4. Salv-8431
Raiz de Peônia / Incorporada em 1938
Coleção Salvador

No texto de Dioscórides não encontramos nenhuma referência ao uso da Peônia no tratamento da bile negra, embora a indicação para a cura da “opressão do pesadelo” possa ter alguma relação com a sensação de medo vivida pelos melancólicos. No entanto, Andrés Laguna, em seu comentário, destaca sua eficácia contra o humor melancólico e o poder mágico que lhe é atribuída pelo saber popular:

“Y ansi vemos que para restringir el menstuo, da los granos roxos Dioscorides, como verdes y elipticos: y para resolver los humores gruessos y melancolicos, que opprimen el coraçon, usa de los negros por ser maduros. [...] Sirve tambien la Peonia contra el humor melancolico: y aun dizen, que adonde ella efluere, no entran malignos espiritus, ni phantasmas, ni bruxas.” (Laguna, 1555: 365)

Essa relação entre formas do pensamento mágico e a abordagem naturalista típica da medicina hipocrático-galênica provém, como é bem sabido, do interesse da filosofia natural renascentista pela chamada magia natural e dos escritos provenientes da então denominada *prisca philosophia*. A obra de Marsilio Ficino (1433-1499) é paradigmática dessa relação. No capítulo XII do terceiro livro de *De vita libri tres* (1489), intitulado “Coisas naturais e até artificiais têm poderes ocultos das estrelas, através da qual eles expõem nosso espírito às mesmas estrelas”, Ficino discorre sobre o poder de influência dos corpos celestes em determinados objetos, um poder que dava a eles qualidades ocultas, já que não podiam ser conhecidas pelos sentidos e nem pela razão. Nele encontramos uma referência ao poder curativo da Peônia no tratamento da epilepsia, uma das manifestações da bile negra:

For since properties of this kind and their effects could not come into being by elemental power, it follows that they proceed from the life and spirit of the cosmos, particularly through those very rays of the stars; and that therefore through them the spirit is affected as much and as soon as possible and exposed very much to celestial influences. [...] And therefore, not only if they are taken internally, but even if they touch the flesh, and, warmed thereby, put forth their power, they introduce celestial force into the spirits by which the spirits preserve themselves from plague and poison. [...] By a similar power the Phoebean peony touching the flesh arms the spirits against the falling sickness [epilepsy] by infusing vapor into them within. (citamos a partir da edição inglesa de Kaske e Clark, 1998: 301)

A irracionalidade e a imoralidade da melancolia

Se no contexto europeu a melancolia foi em dado momento uma doença glamourizada por sua associação com o refinamento intelectual e com a energia criativa do gênio causada pelo exercício excessivo da filosofia, da poesia e das artes, no contexto colonial ela foi associada à imoralidade e irracionalidade. Como apontado por Radden (2000), a melancolia foi sendo construída por suposições culturais, e segundo Bartra, esteve dotada, desde os tempos antigos, de uma grande plasticidade, adaptando-se a situações muito diversas (Bartra, 2004). Em um trabalho anterior, Bartra já apontava que, durante o século XVI, houve uma expansão do poder metafórico do sistema mediador hipocrático-galênico, tomando como exemplo o livro *Examen de ingenios para las ciencias* de Huarte de San Juan, onde elabora uma aplicação do humoralismo aos costumes, vocações, ofícios e educação (Bartra, 1999: 4).

Em suas *Doce historias de melancolia en la Nueva España*, Roger Bartra apresenta casos concretos de indivíduos afetados pela melancolia, todos eles suspeitos de transgredir os cânones eclesiásticos e civis. O autor observa que, diante do ato de loucura transgressora, o Santo Ofício ou tentava provar a presença do demônio e do pecado, ou, em caso de dúvi-

das, tentavam buscar as causas naturais do comportamento morboso do indivíduo. Uma dessas histórias é a de María de la Natividad, uma jovem monja de um convento da cidade do México, que em 1598 envia uma carta ao Santo Ofício se auto acusando de ter sucumbido à perseguição demoníaca. Em sua confissão, revela sua perda de confiança em Deus e garante que o demônio a induz a imaginar que a Igreja a engana em todas as suas verdades, o que a havia levado a tentar queimar um crucifixo e a enforcar-se, cortar os dedos ou língua e enfiar uma faca no coração (Bartra, 2004: 33). Em seu tribunal, foi definida como «mentecata» e «tocada de melancolía», ao mesmo tempo em que qualificada como pecadora por sua relação com o demônio. Bartra observa que os inquisidores foram conscientes de que “sor María de la Natividad está poseída por una profunda melancolía”. Por essa razão, o tratamento para María de la Natividad, uma mulher crioula e solteira, angustiada e culpada por sensações e pensamentos que ela mesma considera pecaminosos, foi a excomunhão e outros castigos eclesiásticos.

Concluimos que a compreensão da melancolia a partir de sua terapêutica nos permite refletir sobre um dos mais importantes temas para a ciência moderna ocidental: a razão. A cor negra e a ideia de escuridão serviram, desde os textos hipocráticos, como uma imagem que pudesse traduzir o invisível, uma doença “sem causa aparente”. Seu tratamento, baseado no humoralismo, buscava nos efeitos das substâncias purgantes uma prova material e visual daquilo que habitava a esfera do oculto. O humor negro corroía o organismo e ofuscava a razão. E como se construiu a razão ao longo do período aqui abordado neste trabalho? Pois se a medicina dos antigos, base da medicina moderna ocidental, havia sido elaborada não somente a partir de um contato experimental com as espécies vegetais, animais e minerais, mas também a partir de saberes populares e mitologias? Seria “a nuvem densa e o caos infinito de obscuridades” que preenchia as traduções árabes medievais da mesma constituição daqueles vapores que sufocavam o cérebro e a visão dos melancólicos?

Não deve ser por acaso que as qualidades ocultas e curativas de alguns objetos ocupam os debates mais oficiais da filosofia natural e ganham prestígio no mesmo momento em que a melancolia é novamente classificada como uma qualidade de homens introspectivos, que em sua reclusão criativa e intelectual, reacendem o brilho do gênio anteriormente apresentado por Aristóteles. Retornam aqui as propriedades mágicas da peônia, registrada em textos antigos, assim como o poder da misteriosa triaga e das pedras bezoares, antídotos capazes de curar qualquer veneno. E se não é o veneno, ele mesmo uma das substâncias preenchidas por uma “nuvem densa” de mistérios? O veneno nos aproxima da morte, mas dependendo da dose, pode ser útil em purgações e curas, como era o caso do heléboro.

O misterioso, o diferente e o exótico podem ter sido adjetivos utilizados para classificar o louco, o doente, o imoral. Ao mesmo tempo, serviram também para agregar valor social e econômico aos objetos e espécies naturais no sistema colonial. Os gabinetes de curiosida-

des e as farmácias, esses dois ambientes que servem a este trabalho como ponto de partida, são uma das mais importantes representações dessa ideia.

Os gabinetes, que se expandem em um período de choque entre o universo branco europeu e um universo obscuro situado do outro lado do oceano, refletem essa ansiedade por nomear, classificar e possuir os mais diversos e mais estranhos objetos do planeta. Dentro da farmácia, quanto mais exótico fosse o tratamento, mais especial, mais exclusivo e mais caro. Aqui fica evidente a construção de uma ideia de “padrão” através do exercício da coleção, classificação e exibição dos objetos naturais e artificiais. Do outro lado do oceano, aqueles que fugiam de um padrão de comportamento religioso e civil, podiam ser diagnosticados como melancólicos, por vezes tratados seguindo a teoria humoral e punidos por seu envolvimento com o demônio, essa nuvem escura e densa que assim como a melancolia, atravessa a história assumindo as mais diversas aparências.

Conclusão

O trabalho desenvolvido dentro de um arquivo institucional está associado à prática do cuidado. A preservação de um patrimônio supõe não somente o ato de garantir condições físicas e materiais para a sua durabilidade, mas também de garantir condições para sua circulação, sua existência para além dos limites das salas de arquivo, tendo como base um trabalho consistente de pesquisa. O cuidado, portanto, levaria em consideração não somente as necessidades do próprio objeto no prolongamento de sua vida, mas também as necessidades que se criam em torno de sua relação com uma comunidade de pessoas. Garantir o acesso desse patrimônio a essa comunidade, é, ao mesmo tempo, cuidar da comunidade, garantindo a ela um direito, e cuidar do patrimônio, garantindo a ele um significado.

A preservação estaria associada, portanto, ao trabalho de difusão, tendo sempre como base um trabalho de pesquisa. Em *Politics of Installation* (2009), Boris Groys defende que a cura, na prática curatorial, estaria relacionada ao ato de ativar – ou reavivar – determinados objetos através de sua exibição. A curadoria, no entanto, ao mesmo tempo que produz a cura desses objetos, os mantém nessa condição de eterna dependência, contribuindo para sua doença. A organização de um Gabinete de Curiosidades combinava de uma só vez o estudo da natureza ao cultivo de valores estéticos, podendo configurar uma prática que desde meados do século XX entenderíamos como curatorial. No caso do gabinete, a ideia de cura ganha mais uma camada, visto que alguns dos itens que se exibem e preservam são cadáveres: seres que, ao serem retirados da natureza, são transformados em objetos, congelados temporalmente em sua materialidade. Seria a pesquisa, atividade que dá forma e significado aos objetos, um caminho para sua possível libertação?



Figura 5. Sala Salvador (2017)

Fotografia: Jordi Pallàs

Tendo essas ideias em mente, vejo a noção de “cuidado” permeando este trabalho do início ao fim. As práticas, que consistiram no trabalho de organização de um acervo de imagens digitais – que possibilitará uma maior visibilidade ao Gabinete Salvador –, serviram como ponto de partida para uma investigação histórica – que possibilitará um maior significado a esse patrimônio científico – sobre o que pode, o que deve e o que efetivamente está em evidência e o que não está ao redor do Gabinete e da Farmácia, dois dos espaços de cura administrados pelos Salvador.

Bibliografía

- BAKER, Nicolas (1994), *Hortus Eystettensis: The Bishop's garden and Besler's magnificent book*, London, The British Library.
- BARTRA, Roger (1999), «Melancolía y ciencia en el Siglo de Oro», *Revista Ciencias*, 55-56, (1), 4-12.
- BARTRA, Roger (2004), «Doce historias de melancolía en la Nueva España», *Frenia. Revista de Historia de la Psiquiatría*, 4, (1), 31-52.
- BESLER, Basilius (1613), *Hortus Eystettensis*, Nuremberg.
- BOLÒS, Antonio de (1959), «Nuevos datos para la historia de la familia Salvador, pel Molt Il·lustre Dr. Antonio de Bolòs Vayreda. Discurs de contestació pel Molt Il·ltre. Dr. Taurino Mariano Losa España. Discurs de recepció a la Reial Acadèmia de Farmàcia de Catalunya», *Real Academia de Farmacia de Barcelona*, 3, 7-65.
- BUONANNI, Fillippo (1684), *Recreatio mentis, et oculis in observatione animalium testaceorum...*, Roma, Ex typographia Varesii.
- CAMARASA, Josep M. (2019), «Productes d'origen vegetal al droguer del gabinet Salvador» [pre-print facilitado pelo autor].
- COOK, Harold J. (1996), «Physician and natural history». In: JARDINE, N.; SECORD, J. A.; SPARY, E. C. (eds.), *Cultures of Natural History*, Cambridge, Cambridge University Press, 91-105.
- COOK, Harold J. (2006), «Medicine». In: PARK, Katharine; DASTON, Lorraine (eds.), *The Cambridge History of Science - Volume 3. Early Modern Science*, Cambridge, Cambridge University Press, 407-434.
- COPENHAVER, Brian P. (2006), «Magic». In: PARK, Katharine; DASTON, Lorraine (eds.), *The Cambridge History of Science - Volume 3. Early Modern Science*. Cambridge, New York, Cambridge University Press, 518-538.
- COPENHAVER, Brian P. (1998), «The occultist tradition and its critics». In: Garber, Daniel; Ayers, Michael (eds.), *The Cambridge History of Seventeenth-Century Philosophy - Volume 1*, New York, Cambridge University Press, 454-512.
- DEAR, Peter (2006), «The Meanings of Experience». In: PARK, Katharine; DASTON, Lorraine (eds.), *The Cambridge History of Science - Volume 3. Early Modern Science*, Cambridge, Cambridge University Press, 106-131.
- FINDLEN, Paula (2006), «Anatomy Theaters, Botanical Gardens, and Natural History Collections». In: PARK, Katharine; DASTON, Lorraine (eds.), *The Cambridge History of Science - Volume 3. Early Modern Science*, Cambridge, Cambridge University Press, 272-289.
- FINDLEN, Paula (2006), «Natural History». In: PARK, Katharine; DASTON, Lorraine (eds.), *The Cambridge History of Science - Volume 3. Early Modern Science*. Cambridge, Cambridge University Press, 435-468.
- FONT QUER, Pío (2016), *Plantas medicinales: El Dioscórides renovado*, Barcelona, Ediciones Península.
- GROYS, Boris (2009), «Politics of installation», *e-flux journal*, 2: <https://www.e-flux.com/journal/02/68504/politics-of-installation/> [consulta 27/07/2020]
- HARAWAY, Donna (2007), *When Species Meet*, Minneapolis, University of Minnesota Press.
- IBÁÑEZ, Neus; CAMARASA, Josep M.; GARCIA-FRANQUESA, Eulàlia. (coords.). (2019), «El gabinet Salvador: Un tresor científic recuperat», *Manuals del Museu*, 2, Barcelona, Museu de Ciències Naturals de Barcelona.
- KASKE, Carol V.; CLARK, John R. (1998), *Marsilio Ficino. Three Books on Life: A Critical Edition and Translation with Introduction and Notes*, Tempe, Arizona, Medieval & Renaissance Texts & Studies.
- KELLER, Evelyn F. (1991), *Reflexiones sobre género y ciencia*, València, Edicions Alfons el Magnànim.
- LAGUNA, Andrés de (1555), *Pedacio Dioscorides Anazarbeo, Acerca de la materia medicinal y de los venenos mortíferos. Traduzido de lengua griega en la vulgar castellana...* por Andres de Laguna, En Anuers, en casa de Iuan Latio.
- LANDAU, David; PARSHALL, Peter (1994), *The Renaissance Print, 1470-1550*, New Haven, Conn., Yale University Press.
- MONTSERRAT, Josep M. (2019), «Las pinturas del Gabinete Salvador: especies vegetales y animales representadas», a presentación realizada na XXIII Bienal de la Real Sociedad Española de Historia Natural, setembro 2019 [pre-print facilitado pelo autor].

- MONTERRAT, Josep M.; IBÁÑEZ, Neus (2008), «Les plantes ornamentals i la botànica». In: GARCIA, A.; RIVERO, M.; MONTERRAT, J. M.; IBÁÑEZ, N. (eds.), *Jardins, jardineria i botànica; Barcelona 1700*, Barcelona, Ajuntament de Barcelona.
- MUÑOZ, Olga; PÉREZ-AZCÁRATE, Marta (2019), «La conservación curativa y la restauración». In: IBÁÑEZ, Neus; CAMARASA, Josep. M.; GARCIA-FRANQUESA, Eulàlia. (coords.), *El gabinet Salvador: Un tresor científic recuperat. Manuals del Museu, 2*, Barcelona, Museu de Ciències Naturals de Barcelona, 253-272.
- PARDO-TOMÁS, José (2014), *Salvadoriana. El Gabinete de curiositats de Barcelona. El Gabinete de curiosidades de Barcelona. The Cabinet of Curiosities of Barcelona*, Barcelona, Ajuntament de Barcelona.
- PASCUAL MIRÓ, Eva; YEGUAS GASSÓ, Joan (2019), «El mobiliario y la decoración pictórica». In: IBÁÑEZ, Neus, CAMARASA, Josep. M., GARCIA-FRANQUESA, Eulàlia. (coords.). *El gabinet Salvador: Un tresor científic recuperat. Manuals del Museu, 2*, Barcelona, Museu de Ciències Naturals de Barcelona, 245-249.
- RADDEN, Jennifer (2000), *The Nature of Melancholy: From Aristotle to Kristeva*, New York, Oxford University Press.
- ROSENBERG, Charles E. (1992), «Framing disease: Illness, society and history». In: *Explaining epidemics and other studies in the history of medicine*, Cambridge, Cambridge University Press, 305-318.
- SIRAISSI, Nancy G. (1990), *Medieval & early Renaissance medicine: an introduction to knowledge and practice*, Chicago, London, University of Chicago Press.
- STAROBINSKI, Jean (2016), *A tinta da melancolia: Uma história cultural da tristeza*, São Paulo, Companhia das Letras.
- ZWELFER, Joannis (1667), *Animadversiones in Pharmacopoeiam Augustanam et Annexam ejus Mantisam, sive Pharmacopoeia Augustana Reformata: In Qua Vera Et Accuratissimâ methodo medicamentorum simplicium & compositorum praeparationes tam dextrè traduntur...*, Nuremberg, Endter.